

SARAH MACLEAN

«Sexy e intenso. Sarah MacLean consegue um duque
no presente tão bem como o consegue no passado!»

CHRISTINA LAUREN

UM
DUQUE
PARA
AMAR

TOP
SEL
LER

1

Aquelas não eram ovelhas dos livros infantis ilustrados. É certo que pastavam nas ondulantes colinas inglesas sob uma névoa suave, mas aquelas ovelhas não eram fofinhas e branquinhas, nem baliavam docilmente. Aquelas ovelhas estavam enlameadas e eram malcheirosas e barulhentas.

E avançavam na sua direção.

Lilah Rose enterrou as botas de borracha na lama escorregadia dos campos de Devon, levantou a *Nikon* e espreitou pela lente enquanto o rebanho se aproximava, com uma enorme fera de olhos negros a liderar a investida.

E lá estava ela, a emoção familiar que sempre sentia quando a fotografia perfeita estava ao seu alcance — a emoção que vinha com a iminência da ameaça de ter apenas uma oportunidade de conseguir captar o fugaz momento.

— Agora — disse ela baixinho, num murmúrio quase inaudível. Lilah podia não fazer fotografia de celebridades há mais de ano e meio, mas os doze anos como fotógrafa de celebridades e de retratos manifestaram-se instantaneamente, como que programados, enquanto sussurrava em voz baixa para a ovelha corpulenta.

— Isso, assim mesmo.

Clique.

O sussurro do obturador alertou a fera, fazendo-a avançar mais rapidamente na direção dela. Lilah recuou com passos seguros. Quantas vezes já fotografara aquele exato tipo de personalidade — ameaçadora, absolutamente segura do seu poder e completamente inconsciente das suas vulnerabilidades? Não fora assim que se tornara na mais cobiçada fotógrafa de celebridades?

Não importava o quão distante e impenetrável fosse a personalidade do sujeito da fotografia, Lilah Rose conseguia captar a verdade em película. Já fotografara *playboys* e presidentes, celebridades de longa data e novas estrelas em ascensão, atletas e celebridades, bilionários e realeza. E era excelente no que fazia.

Pelo menos, fora-o.

Lilah engoliu a frustração que sentia atravessada na garganta, afastando deliberadamente os pensamentos acerca das Met Galas e das *after-parties* exclusivas dos Óscares e o *loft* de duzentos e oitenta metros quadrados em Tribeca, ao qual, em tempos, chamara lar.

Não importava que dois anos antes, àquela mesma hora, tivesse estado naquele mesmo *loft* a fotografar a capa da revista *Bonfire* na sua edição dedicada ao cinema — uma tarefa reconhecidamente impossível. Não importava que tivesse sido a primeira fotógrafa em trinta anos a conseguir que todos os atores que tinham figurado na capa concordassem com uma única sessão, na mesma sala, ao mesmo tempo.

Não importava que trabalhar com Lilah Rose tivesse bastado para que eles concordassem. Ainda nem 30 anos tinha e fora o *seu* nome que juntara dez grupos de célebres rivais de longa data — e, ainda por cima, em Nova Iorque, sendo elas de Hollywood —, e sem que uma única pessoa fizesse birra a pedir o agente.

Não importava que se tivesse visto obrigada a vender o estúdio quando as revistas a puseram na lista negra e que a sua própria agente e empresária tivesse deixado de lhe atender as chamadas, e que as celebridades e pessoas influentes do meio,

que costumavam convidá-la para festas e jantares na esperança de que ela decidisse fotografá-las, tivessem aparentemente perdido o seu número.

As estrelas... são como as ovelhas!

Mas nada disso importava naquele momento.

O que importava era tirar uma fotografia àquela ovelha.

— Olha para mim, linda. Para mim.

A ovelha não hesitou em seguir as instruções. Estava a uns 10 metros.

Clique.

— Isso mesmo.

Oito metros. E aproximava-se rapidamente.

Clique, clique. Mas Lilah também era rápida. Se se aproximasse demasiado, perdia a fotografia.

O seu coração começou a bater com força. Adorava aquele momento de incerteza, o momento em que conseguia a fotografia ou a perdia para sempre. Agachou-se, mudando o ângulo e tornando o animal maior do que a vida.

Cinco metros.

Tinha de se baixar mais.

Sentou-se, inclinando-se para a frente, ignorando a sensação fria que imediatamente lhe molhou as calças. Já fizera pior para conseguir uma fotografia.

Esperou, verificando o enquadramento, a maneira como as ervas de fim do verão ondulavam no visor. A ovelha avançava, com o rebanho atrás dela.

Dava tempo para uma última fotografia.

Não pestanejes.

— Anda cá, minha linda — sussurrou melodiosamente.

— Eu se fosse a ti aproveitava, *Mabel*.

O obturador disparou ao mesmo tempo que Lilah soltou um pequeno guincho e virou subitamente a cabeça para dar com a fonte das palavras simpáticas — um par de botas de borracha *Chameau* sujas a dois metros dela. Começara a dirigir a sua atenção mais acima dos atacadores para o homem que tinha

falado, quando a ovelha — aparentemente chamada *Mabel* — chegou junto dela. Juntamente com as amigas.

E Lilah deixou de conseguir concentrar-se no homem, pois levou uma marrada da enorme ovelha, que não era de todo, como já foi dito, uma ovelha saída de um livro infantil ilustrado.

Mabel era forte.

E Lilah ficou estendida no chão.

— Ai! — gritou, em parte indignada, em parte aterrorizada, e fez a única coisa que lhe ocorreu: enrolou-se de lado e puxou os joelhos para o peito, em posição fetal, protegendo a máquina fotográfica com uma mão, e a cabeça, com a outra. Estava rodeada por balidos e berros, pelo som assustador dos cascos e pelo fedor inconfundível de gado molhado. Levou uma patada no rim.

— Ai!

— Céus! — disseram as botas numa voz suficientemente alta para ser ouvida apesar da distância a que se encontrava. A palavra foi acompanhada por um assobio estridente e o latido rouco e grave de um cão que, esperava Lilah, fosse suficientemente grande para dispersar... Cem ovelhas? Mil? Bem, sem dúvida mais do que alguma vez se poderia desejar.

Outro conjunto de latidos urgentes e as ovelhas dispersaram.

Lindo cãozinho.

Lilah levantou a cabeça apenas o suficiente para avaliar o que estava à sua volta. O rebanho contornava-a, encolhida que estava numa bola de lama, tendo, aparentemente, decidido que não valia a pena pisá-la.

— Está bem?

As palavras foram resmungadas de lá de cima, tão preocupadas quanto irritadas.

— Estou ótima! — disse ela, verificando todas as suas partes importantes antes de voltar a atenção para as botas e mais além... Pelas calças de ganga escuras, com os joelhos e coxas coçados, passando pela camisola cor de trigo, até chegar ao rosto do homem que a olhava desde lá de cima.

A boca de Lilah secou de imediato.

Santo Deus. E tinha ela pensado que a ovelha era grande.

Outra pessoa qualquer não estaria em condições de avaliar o tamanho do homem, mas Lilah Rose tinha passado uma década a fotografar homens pequenos de ângulos baixos. Aquele homem não precisava de ângulo nenhum. Era alto. Mais de um metro e oitenta e dois. Catalogou rapidamente o resto do homem, largo de peito e ombros, com um nariz comprido e direito e um maxilar quadrado como nos livros de banda desenhada, covinha no queixo e tudo.

Tira-lhe uma fotografia.

A ideia era louca e terrivelmente insensata. Afinal, estava a meia hora de algo que se parecesse com a civilização e muito provavelmente sem rede de telemóvel, e aquele homem enorme não parecia ser de tirar fotografias. Especialmente tendo em conta que a fitava desde lá de cima com aquele olhar irritado.

Espera lá.

Ele não olhava irritado para *ela*.

Olhava irritado para a máquina fotográfica.

E depois a irritação transformou-se noutra coisa pior. Aqueles lábios, que ela catalogara, cerraram-se numa coisa que parecia desdém, mais fria do que a lama que lhe molhava as calças. Conhecia aquele olhar. Já o vira muitas vezes desde que a sua vida implodira e tudo pelo que tanto tinha trabalhado se desmoronou.

Fugira para o interior rural de Inglaterra para lhe escapar.

Mas não havia maneira de lhe escapar: teria de lhe dar lutar.

Lilah tentou desajeitadamente sentar-se quando as mãos dele — grandes e sensuais, não que ela tivesse reparado — a agarraram pelos cotovelos e a puxaram para cima.

Noutra situação qualquer, teria ficado grata pela ajuda, tendo em conta que não havia maneira graciosa de se levantar da lama escorregadia de um pasto de ovelhas, mas não iria *decididamente* agradecer àquele cretino desdenhoso por lhe pôr as mãos — por muito grandes e sensuais que fossem — em cima.

Antes de conseguir soltar-se daquelas mãos (nas quais ela não reparou) e dizer-lhe exatamente o que devia fazer com elas,

ele soltou-a, afastando-se imediatamente dela, com o maxilar cerrado.

— Já vi pessoas como você a fazer de tudo, mas ser atropelada por um rebanho de ovelhas... essa é nova.

Lilah pestanejou.

— Pessoas como eu?

Ele semicerrou os olhos.

— Não precisa de se fazer de inocente. Sou imune a isso... Olhos de carneiro mal morto ou não.

Que raio?

— Olhos de *carneiro* mal morto?

— Grandes. Vazios.

Quem é que aquele tipo pensava que era?

— Espantoso. Sabe que mais? Você é uma besta.

Provavelmente não o deveria ter enfrentado, mas estava farta de homens que usavam a intimidação como arma.

— Para os da sua laia? Sem dúvida.

Pronto, retirava todos os pensamentos elogiosos que *quase* associara àquele tipo. Ele era claramente da *pior* espécie.

— A minha *laia*? Refere-se a seres humanos civilizados que estão perfeitamente em paz e sossego e, do nada, são maltratados gratuitamente por idiotas? — Fez uma pausa. — Não sei qual é o seu problema; quem se aproximou de *mim* foi *você*.

Lilah deu meia-volta e afastou-se, o mais graciosamente que conseguiu, tendo em conta que estava coberta de lama. O cão pastor preto e cinzento dançava à sua volta, com a grande língua a pender da boca.

— *Atlas* — chamou o idiota, e o cão voltou imediatamente para junto dele. Enquanto ela se afastava, ele gritou-lhe: — Claro que me aproximei de si! Não foi esmagada pelo rebanho por um triz!

— Correria de bom grado esse risco, face à alternativa que se seguiu — atirou ela por cima do ombro, antes de olhar para o cão, que a observava, divertido, com a cauda a abanar energicamente. — Mas tu, *Atlas*, estiveste muito bem. Devias procurar um dono melhor.

— Sou um excelente dono. Do tipo que foi em seu socorro quando estava *estendida no chão*.

— *Eu estava a tentar tirar uma fotografia!*

E, bolas, nem sequer consegui. Ou, se conseguiu, foi por mero acaso. O que queria dizer que não tinha tirado a fotografia.

O que conseguiu foi ser atacada por um rebanho de ovelhas furiosas e um ralhete do homem mais atraente que vira nos últimos tempos.

Não que tivesse notado.

— Então, admite que é verdade — gritou-lhe ele em resposta.

Ela virou-se para ficar de frente enquanto ele avançava para ela a passos largos. A passada era segura e firme, como se nunca lhe passasse pela cabeça que podia escorregar na lama. Como se a lama nem sequer sonhasse tal ousadia para com ele.

Ao longo de uma década como fotógrafa de celebridades já esbarrara com egos de proporções épicas, mas nunca vira nada daquele calibre. Aquele homem... Não era ego. Era certeza.

Tempos houve em que também Lilah tivera certezas.

Nunca os deixes ver-te hesitar.

Puxou os ombros para trás e fitou-o diretamente nos olhos.

— Admito o quê?

— Que é fotógrafa.

— Porque não haveria de o fazer? — questionou ela, erguendo o queixo. — Sou a melhor fotógrafa que algum dia vai conhecer.

Se acreditasse que aquele era um homem capaz de ser surpreendido, talvez pudesse imaginar que lhe viu surpresa nos seus olhos âmbar antes de ele recuperar a compostura e dizer, friamente:

— E com alguma sorte, será a última que conheço. Está a invadir propriedade privada.

Lilah não hesitou.

— Não, não estou.

— Está em terras Weston. Sem ser convidada.

— Como sabe que não fui convidada?

Ele ergueu uma sobrancelha ao olhar para ela.

— Porque eu saberia se o tivesse sido.

Lilah vira a imponente casa senhorial ao entrar com o carro na propriedade do Duque de Weston — o difícil seria não a ver. Talvez as grandes casas senhoriais contassem todas com seguranças bem-apegoados.

Não é nada bem-apegoado.

— É o guarda do castelo?

— Qualquer coisa assim, sim.

— Falta-lhe a armadura.

— Está a ser reparada.

— Espada?

— Quer que a vá buscar?

Ela reprimiu um sorriso. Ele não era homem de devolver um sorriso. Voltou à tarefa que tinha em mãos — pô-lo no seu devido lugar.

— Bem, pelos vistos já não é o preferido do rei, Lancelote. Porque eu tenho chave para entrar no castelo.

A casa de campo no extremo nascente da propriedade não era bem um castelo, mas não importava.

— Impossível — disse ele.

— Porque não telefona a Sua Senhoria e lhe pergunta? — sugeriu ela, enfiando a mão no bolso de trás das calças de ganga.

— Empresto-lhe o meu telefone.

— Na verdade, é «Sua Graça».

Lilah, que fotografara seis famílias reais e conhecia as formas corretas de se lhes dirigir em cada um dos seus países, sorriu.

— Não interessa.

Algo reluziu no olhar dele: reconhecimento.

— Lottie.

Lady Charlotte Arden era uma velha amiga de uma amiga da escola de artes de Lilah — e tinha-lhe amavelmente disponibilizado a casa de campo da propriedade da família durante duas semanas.

Lilah assentiu.

— Lottie.

— Você está na casa de campo?

Ela assentiu com a cabeça, embora a expressão a divertisse. Aquela «casa de campo» não era coisa de um mero quarto. Tinha uma marquise, uma sala de jantar formal, madeiras deslumbrantes, soalhos rangentes, uma grande cama de dossel, uma banheira maior do que a cozinha dela em Nova Iorque e um belo fogão de lenha que dava mesmo vontade de assar qualquer coisa nele.

— É muito bonita.

Ele grunhiu. A informação deve ter sido desanimadora.

— Ela devia ter-me dito.

— Sim, claro, parece ser exatamente o tipo de pessoa que traz um cesto de boas-vindas aos convidados.

— Salvei-a da *Mabel*, não salvei?

— Estendeu-me praticamente a passadeira vermelha.

— Talvez não a tivesse salvado se a Lottie me tivesse dito que era fotógrafa.

Disse a palavra como quem diz «praga». Ou «barata».

— Céus, é difícil de imaginar por que motivo não o fez.

Para dizer a verdade, Lilah gostaria de ter sido avisada acerca daquele... agricultor? Guarda? Fosse ele quem fosse, sentia-se suficientemente à vontade com os proprietários para tratar a filha de um duque pelo diminutivo.

Mas ninguém a avisara. Tinham-lhe dado indicações sobre o caminho para a casa de campo, instruções para encontrar a chave debaixo de uma pedra perto da porta e a garantia de que era muito bem-vinda.

«A Lottie está contentíssima por te receber na Abadia de Salterton! É uma GRANDE fã!», escrevera-lhe Sophie num e-mail um mês antes, com o abuso de letras maiúsculas e pontos de exclamação a pôr em dúvida a veracidade das palavras. «Não penses demasiado nisso!! É isolado e VAIS ADORAR, e também há ovelhas, coisa que parto do princípio que já ADORAS.»

Lilah tinha lido o e-mail num *hotspot* junto a uma falésia na Sicília, onde estava a fotografar cabras. Depois de todo o trabalho a convencê-la, Sophie finalmente acrescentara o que verdadeiramente lhe ia na cabeça.

«Tira duas semanas para te preparares para o regresso.»

Regresso. Ponto final.

Sophie omitira tudo o que vinha depois do regresso.

Regresso, depois de dezoito meses longe do público.

Regresso, depois de a carreira ter sido destruída.

Regresso, mas não ao mundo em que vivera durante uma década.

A um mundo diferente. Um mundo que podia não a aceitar.

Enxotou os pensamentos soturnos e mirou o homem que tinha à frente, que, quando não era tão irritante, era provavelmente o poster da Sociedade Agrícola de Devonshire, com os seus ombros largos, pernas compridas e passos seguros, e uma camisola que condizia com os campos de cevada e também com os olhos... Não que ela tivesse reparado.

Fez-lhe o seu sorriso de fotógrafa. Aquele que usava para apaziguar jovens vedetas, cabras da Sicília, príncipes e lamas do Peru. O sorriso que não funcionou com as ovelhas maldispostas com que se acabara de cruzar, mas com o qual esperava desarmar aquele homem terrivelmente maldisposto.

— Sou a Lilah.

Outro grunhido.

As sobrancelhas dela levantaram-se.

— É a sua vez, Lancelote.

Ela contava com a irritação que lhe passou pela cara bonita, mas não esperava as outras emoções — apareceram e desapareceram tão depressa que se não estivesse habituada a ver o mundo à velocidade do obturador não teria dado por elas. Suspeita. Surpresa. E algo que podia ter descoberto ser desejo, se tivesse conseguido estudar o negativo mais aprofundadamente.

Ele passou uma mão pelo cabelo e outra mulher qualquer teria achado o gesto enternecedor.

— Eu...

Pausa, como se se tivesse esquecido. Como se nunca tivesse sabido.

Lilah esperou. Um truque profissional.

Não pestanejes.

— Sou o Max.

E, imediatamente, Lilah percebeu que aquele homem tinha uma história.

Mas não era uma história para o estômago de qualquer um. Não tinha expressões como «era uma vez» nem «felizes para sempre». Porque tal como as ovelhas dele não eram ovelhas de livros infantis ilustrados, aquele homem também não era um homem de contos de fadas.

Lilah não tinha dúvidas. Reconhecia isso nele, porque a vida dela também não era um conto de fadas.

Já não era.

2

Rupert Maximillian Arden, décimo quarto Duque de Weston e Conde de Salterton, foi impedido de entrar no Fox and Falcon, a quilómetro e meio da sua casa senhorial, pelo som do seu telemóvel.

Tirando o telefone do bolso, Max lançou um olhar irritado ao ecrã, onde o rosto da irmã lhe sorria. Afastou-se do *pub* e levou o aparelho à orelha, atravessando a rua para o relvado acabado de cortar que marcava o centro da cidade, cidade essa que tinha, desde há séculos, o nome da sua família.

— Há dois dias que tento contactar-te.

— Roo! — gritou-lhe a irmã, tentando fazer-se ouvir acima do barulho de onde quer que estivesse (garantidamente, numa das discotecas mais elegantes de Londres ou nalguma festa dada por algum figurão à procura de aparecer na revista *Tatler*).

Max rangeu os dentes com o diminutivo que só escutara da boca de duas mulheres na vida: Lottie, que lho tinha posto quando era bebé, e a ex-mulher, que achava o nome charmoso e o reclamou como seu quando estavam em St. Andrews, e ele era demasiado jovem para o impedir.

— Queridíssimo Roo!

A irmã falava sempre com superlativos e exclamações quando sabia que estava em apuros. O que acontecia muitas

vezes. Os tabloides adoravam Lady Lottie, ativista e artista de rua de dia, e deliciosamente escandalosa à noite, e Lady Lottie gostava de ser adorada. Era o oposto de Max, que preferia desaparecer de vista para evitar perguntas sobre o seu estatuto de Solteirão Mais Cobiçado de Inglaterra.

Mas ao contrário do que acontecera com ele, os tabloides não tinham relatado o desmoronar do casamento da irmã minuto a minuto.

— Tenho andado tão ocupada! Fiz uma dúzia de instalações em Shoreditch há umas noites e, entre evitar a Prisão de Sua Majestade e tudo o resto, o tempo tem sido absolutamente impossível.

— É quase como se o vandalismo não compensasse.

As palavras saíram secas como a areia, e não soavam a verdadeiras. Max era tão entusiasta da arte de Lottie como o resto do mundo.

— Vou ignorar esse comentário! — cantarolou a irmã. — Assim que tive oportunidade, telefonei-te! Conta-me tudo! Não deixes nada de fora! — O som ficou abafado por instantes, enquanto Lottie falava com outra pessoa, tornando-se depois límpido quando ela voltou, com uma pulsação grave e profunda do seu lado da linha. — Pronto. Sou total e completamente tua.

Max ignorou a mentira óbvia, olhando em volta para se certificar de que estava sozinho.

— A tua amiga está aqui.

— Ah! A Lilah!

Lilah. Era um nome bonito. Gostou dele assim que ela o dissera no campo. Antiquado e perfeitamente condizente com alguém que tem os caracóis em desordem e uma confusão de sardas.

— Devias ter-me dito.

— Que ela ia usar a casa de campo? Porque é que isso te havia de interessar? Estás farto da casa senhorial cheia de correntes de ar? Ficaste finalmente deprimido por estares sempre a olhar para os quadros dos nossos antepassados?

— Não, mas incomoda-me muito que ela seja fotógrafa.

— Tentou fotografar-te?

A irmã ficou subitamente muito concentrada, com o tom a tornar-se gradualmente gelado. Podia ser um desastre absoluto no que tocava a lembrar-se — ou importar-se — que as suas decisões afetavam os outros, mas era ferozmente leal quando se tratava de proteger a família.

— Não.

O gelo desapareceu instantaneamente da voz da irmã.

— Claro que não! Toda a gente sabe que ela deixou de fotografar celebridades.

As palavras deram-lhe a volta ao estômago.

— Nem sequer sabia que ela fotografava *celebridades*.

— Oh, Roo. Fazia-te bem ler as notícias de vez em quando.

— Fotógrafos de gente famosa não são *as notícias*.

A ligação voltou a ficar abafada — tinha-a perdido para outra conversa. Suspirou e olhou para o céu, limpo, cintilante e estrelado. Era mais tarde do que pensava.

— Desculpa! Desculpa! Já cá estou outra vez!

— Não sou uma celebridade, Lottie. Essa é que é a questão.

— Nós sabemos — respondeu Lottie com desdém e tédio na voz. — És um duque escondido perfeitamente normal, como se isso existisse. Olha, não importa. Ela já não faz retratos. Agora anda a fotografar trigo ou peixes ou roças de cacau ou coisas relacionadas com a sustentabilidade. É bastante provável que esteja mais interessada nas ovelhas do que em ti.

Eu estava a tentar tirar uma fotografia!

Lilah tinha-lhe dito a verdade. Um laivo de culpa assomou, mas Max afastou-o. Fizera bem em ser cauteloso, bolas!

— Só sei que ela precisava de um tempo sozinha, longe do mundo.

As últimas palavras de Lottie chamaram-lhe outra vez a atenção.

— Porquê?

A pergunta saiu antes que a conseguisse reprimir e fechou os olhos, imediatamente arrependido.

Lottie permaneceu em silêncio, e a batida da música era a única indicação de que ainda estava em linha.

— Esquece — disse ele.

— Rupert Maximillian Arden — disse a irmã no mesmo instante —, estás a fazer-me perguntas... sobre uma mulher?

— Não — negou ele de imediato. — Estou a fazer-te perguntas sobre a fotógrafa que tu deixaste entrar na minha propriedade.

— Em primeiro lugar, a propriedade é da *família*. E em segundo, garanto-te que a Lilah Rose é, de longe, uma artista demasiado competente para se importar contigo.

Lilah Rose. Max resistiu à vontade de repetir o nome completo — mais suave e mais bonito enquanto conjunto.

Não que a Lottie o ouvisse, pois ainda estava a falar.

— ... não está aí seguramente para tirar a primeira fotografia do Duque Empoeirado, num século ou lá quanto tempo já passou.

Nove anos. Já tinham passado nove anos.

Max fez uma careta ao ouvir a alcunha que os tabloides lhe tinham posto quando virou as costas a Londres e à aristocracia e regressou a Devon para assumir o trabalho de administrador das terras da propriedade de Weston. Estava prestes a repreender a irmã por a usar quando ela acrescentou:

— Na verdade, aposto que agora que sabe que és duque, ela vai manter-se bem longe de ti. Com o que dizem que aconteceu...

Esqueceu rapidamente a reprimenda que lhe ia dirigir.

— O que é que dizem?

— Parece que estás a fazer-me perguntas sobre uma mulher, Roo.

— Não estou. Mas se ela me vai cortar a cabeça...

A gargalhada de Lottie retiniu pelo telefone.

— Os duques sofrem mesmo muito hoje em dia, não é?

Ele deu uma pequena risada contida.

— É terrível. Nem sequer conseguimos que as nossas irmãs nos devolvam as chamadas.

— Ela não te vai cortar a cabeça. E também te não vai tirar a fotografia. — Lottie estava visivelmente exasperada. — Não anda atrás do título.

Ela não sabe que tenho um título.

Outra vez aquele laivo de culpa — mas agora diferente. Persistente, como se lhe devesse ter dito quem era quando estavam no prado, cobertos de lama e a resmungar um com o outro. Inicialmente, pensou que ela estava a fazer-se de tímida e que já sabia, mas depois... Depois sentiu algo libertador ao aperceber-se de que ela *não* sabia. E agora...

— O que é que lhe aconteceu? — Odiava-se por ter feito a pergunta. Não tinha nada a ver com isso.

E de qualquer maneira não importava, porque a irmã respondeu no seu tom mais presunçoso:

— Ela é mesmo adorável, não é?

Teve um lampejo de Lilah enroscada de lado num campo enlameado, o coração dele a bater com força, cheio de medo de que ela fosse pisada.

— Não diria isso.

— Tens a certeza?

Lilah, frente a frente com ele naquele mesmo prado, coberta de lama, e ainda pronta para a luta. Olhos castanhos enormes, adornados de grossas pestanas. A cara sardenta ruborizada de frustração e indignação, salpicos de lama nas faces rosadas.

Lábios carnudos que faziam um homem ter pensamentos perversos.

Não havia nada de adorável naquela mulher. Era deslumbrante.

— Tenho.

— Nesse caso não te importarás de manter a distância em relação a ela durante duas semanas.

— Duas semanas?

— Desculpa! Não te oiço! — gritou a irmã. — A rede é péssima aqui!

— Estás em Londres.

— Entrei num túnel. Telefono mais tarde.

NEM SEMPRE SOMOS AQUILO QUE DAMOS A PARECER...

Com a carreira a passar por sérias dificuldades, Lilah Rose, fotógrafa de celebridades, precisa desesperadamente de encontrar um sítio onde possa pôr as ideias em ordem e, quem sabe, recomeçar, longe das luzes da ribalta. E não há sítio melhor para isso do que a zona rural inglesa, com as suas colinas verdejantes, as suas ovelhas fofinhas... e Max, o agricultor inflexível e sexy que toma conta delas.

Mas os dias pachorrentos e as noites quentes com Max não estão tão longe da ribalta quanto Lilah pensa. É que Max não é um mero agricultor — é também um duque: jovem, bonito, poderoso... e profundo conhecedor do modo como um título pode encantar as pessoas, ocultando o homem que vive sob o seu peso. Qual é o mal de se fazer passar por agricultor durante uns tempos? Afinal de contas, Lilah não veio para ficar...

Max, no entanto, é incapaz de deixar de fantasiar com isso mesmo: como seria tê-la nas suas terras, na sua vida e na sua cama, para sempre. Para que isso aconteça, contudo, é necessário que lhe revele a verdade... esperando conseguir convencê-la de que é o duque ideal para amar.

«É sempre a minha autora de escolha quando me apetece ler um bom romance, sexy e divertido.»

JENNIFER L. ARMENTROUT
autora bestseller do *New York Times*

DA MESMA AUTORA:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

Ficção Romântica

penguinlivros.pt

topseller.editora

ISBN 9789896237684



9 789896 237684 >